

O automóvel estava a 4,50 m de profundidade sob a água negra, e o tempo escoava-se para a mocinha prêsa em seu interior

UM CARRO NO FUNDO DO RIO

E. D. FALES, JR.

POR VOLTA de quatro horas da tarde de sábado, 21 de fevereiro de 1970, em Miami, Flórida, Mark Smith, de 17 anos, levou o carro de um amigo à beira de um molhe no Rio Miami para lavá-lo. O carro era um reluzente Mustang. O enorme vidro traseiro, de tão amplo, era mais uma clarabóia do que uma janela. No banco direito dianteiro ia Nancy Burns, a namorada de Mark, bonita, loura e também de 17 anos. Ela quis ajudar, mas Mark não quis que ela se sujasse.



—Muito bem—disse Nancy—então fico no carro vendo você trabalhar.

Mark estacionou o Mustang a um ângulo de 45 graus em relação ao rio. A roda dianteira esquerda, mais próxima da água, repousava sobre a mureta de concreto de um metro de largura que margeia o rio. Naquele local, passando dois metros abaixo da estrada, o rio tinha uma profundidade de 4,50 metros. As outras rodas do carro estavam na grama da Sky Harbor Marina, de propriedade de John Smith, pai de Mark.

Mark levou meia hora lavando o Mustang. Às 4h 30min ele começou a enrolar a mangueira e notou que Nancy tinha completamente fechadas tôdas as janelas. A poucos metros do carro ele viu o pai trabalhando no seu iate *Pocahontas*.

No interior do carro Nancy procurava colocar a chave de ignição na posição de “garage” para ligar o rádio. Por engano ela a levou até “ignição”.

Mark viu o Mustang arrancar para a frente. Modelo mecânico, o Mustang tinha ficado engrenado e estava sendo acionado pelo motor de arranque. Ele conseguiu

abrir a porta esquerda e tentou colocar o pé no freio. O carro começou a ultrapassar a mureta.

De pé no *Pocahontas* o pai de Mark viu as rodas de trás

saindo da grama e tôda a parte traseira começar a se erguer. Durante segundos a máquina se equilibrou no espaço. Aturdido ele viu seu filho lutando com o carro, meio dentro meio fora, tentando impedi-lo de cair. Quando o carro se inclinou bastante, um pilar do molhe fechou a porta, empurrando Mark para fora. Jogado para trás, Mark atacou como um terrier. Atirou-se sobre a capota do carro, fazendo uma grande mossa no teto, no esforço para alcançar a porta do lado de Nancy. Já tinha aberto a porta e tentava alcançar o banco de Nancy, gritando: “Pule! Pule!”, quando o carro ficou quase na vertical e mergulhou vagarosamente no rio. Assim que tocou a água, a pressão fechou a porta sobre o pé de Mark, prendendo-o do lado de fora e arrastando-o para o fundo.

Eram aproximadamente 4h 32min da tarde. O pai de Mark corria para o seu bangalô. Agarrando o telefone, discou “0” e implorou:

—Telefonista, chame socorro... depressa!

Em segundos uma sineta estava tocando no Pôsto 16 do Corpo de Bombeiros da Zona Oeste de Miami e na Estação 12, três quilômetros ao norte. A Magirus 16 com a sirena ligada partiu às 16h 33min seguida de outro carro. No estribo esquerdo da Magirus 16 o bombeiro Larry Norton, antigo salva-vidas, pensava: “Alguém pode morrer.” Imaginando que talvez precisasse mergulhar, tirou seu relógio.

DEBAIXO da água Mark, sufocado, conseguiu desprender o pé direito da porta do carro. Quando chegou à superfície, gritou:

—Nancy está lá embaixo. Alguém tem de ir tirá-la!

Tomou fôlego e mergulhou para procurar o carro. Mas falhou na busca e, com os pulmões quase estourando, nadou desesperadamente para a superfície, tremendo como varas verdes.

Entre os que estavam no cais o iatista inglês David Harley tinha nas mãos um rôlo de fio de nylon. Amarrando a ponta da corda ao pilar, êle jogou o rôlo ao rio e mergulhou. Foi êle o primeiro homem a encontrar o carro. O Mustang estava enterrado, quase invisível na escuridão do lôdo, a 4,50 metros de profundidade. Pelo tato Harley sentiu uma das portas viradas para cima. Puxou-a, mas ela não se mexeu. Amarrou a corda na maçanêta da porta e emergiu.

Mark queria mergulhar novamente, mas estava em tão evidente estado de choque e exaustão que os amigos o impediram. Êle viu os bombeiros e a polícia chegando a grande velocidade.

O bombeiro Bob Lane, ainda de calças e camisa, foi o primeiro a mergulhar. O bombeiro Dan Green quase mergulhou sôbre êle. Lane desceu pela corda e, encontrando a maçanêta, tentou abrir a porta. Não abria. Dan Green sentiu a porta emperrada e pelo tato verificou que era a do lado do motorista. O

carro parecia estar deitado sôbre o seu lado direito. Os bombeiros Sam Givens e Paul Dammann, também na água, revezavam-se subindo e descendo pela corda. Mas a porta continuava fechada. Enquanto isso os bombeiros distribuíam equipamentos de mergulho.

QUANDO o carro desceu pelo molhe, Nancy Burns só deu pela queda quando viu as ondas sôbre o pára-brisa. Em seu curso de salva-vidas da Cruz Vermelha ela havia aprendido que em alguns carros fica prêsa uma bôlha de ar. Ficou tudo escuro. A água subiu-lhe pelas pernas e até à cintura e ao peito. Quando lhe chegou à cabeça, a bôlha de ar começou a parecer-lhe muito teórica, e Nancy compreendeu que tinha pouco tempo de vida.

Na escuridão ela perdeu o sentido de direção. Tentou nadar para o fundo do carro, mas encontrou o caminho bloqueado pelos descansos de cabeças. Suspendendo a respiração, passou espremida por entre êles. Sua cabeça estava debaixo da água, mas de repente subiu para um lugar claro e pôde respirar profundamente. Estava no assento de trás, do lado esquerdo, e compreendeu que tinha encontrado a bôlha de ar.

Nos próximos momentos ela ficou estendida sôbre o assento de trás flutuando e pensando. Pelo tato ela soube mais acêrca da bôlha: começava perto da sua cintura, além do meio do assento traseiro, alongava-se para trás do assento e parecia ter

um pouco menos de dois metros de comprimento, meio metro de largura e 45 centímetros de altura. Deitada na bôlha de ar ela podia tocar o assento da frente com os pés.

Outro minuto se passou, e ela começou a pensar: "Será que Mark vem?" E então teve um pensamento angustioso: "*Talvez Mark se tenha afogado.*"

Esse é o momento em que as pessoas prêsas se desesperam. Batem freneticamente no carro, e em seus esforços esgotam o pouco ar que lhes resta. Nancy manteve-se calma. Continuou planejando: "Se eu ficar agitada, gastarei todo o oxigênio. Mas preciso fazê-los saber que estou viva, do contrário êles desistem e me abandonam."

Começou a bater no vidro traseiro. Depois de alguns momentos ficou quieta, olhando para cima. "Isso me parecem nuvens de lama", pensou. E então, por um instante, as sombras tomaram forma. Viu duas pernas escuras. Mark tinha vindo! Bateu freneticamente no vidro. Mas depois de alguns segundos as pernas afastaram-se. Mark não tinha conseguido encontrar o carro.

A respiração agora era difícil. O carro já estava sob a água havia talvez uns cinco minutos. A bôlha, diminuída por pequenos vazamentos, continuava encolhendo. Uma vez sentiu o carro balançar. A água entrou mais rapidamente. Ela podia ouvi-la. Sentiu-se boiar mais alto. Apavorada, encolheu-se bem no fundo sob o vidro traseiro, com

a cabeça inclinada para colocar a bôca e o nariz na bôlha de ar. A água chegava-lhe ao queixo.

O ar da bôlha estava lentamente se transformando em sufocante gás carbônico. Bateu no rosto com a mão esquerda, dizendo: "Mantenha-se acordada, Nancy." E então perdeu os sentidos.

Havia 10 minutos que Nancy estava sob a água. Ela não sabia que o bombeiro Larry Norton, da Magirus 16, o ex-salva-vidas, estava nesse momento lá fora, ainda de uniforme, espreitando para dentro.

EM SEU primeiro mergulho Norton, da mesma forma que os outros, experimentou a porta do lado do chofer. Mas êle notou uma diferença. Embora os outros tivessem informado que tinham ficado *em cima* dela, êle se encontrou flutuando ao lado dela. Então o carro devia ter sido deslocado com a maré. Nessa altura êle estava meio erguido, num ângulo de 45 graus.

Em seus primeiros mergulhos Norton conseguiu ficar sem respirar durante 60 segundos. No quarto mergulho começou a bater na janela, esperando uma resposta. Não ouviu nada. "Quem quer que esteja lá está morto", pensou.

No mergulho seguinte não conseguiu encontrar o carro. Teve de subir após 15 segundos, exausto.

Respirou durante alguns segundos, depois mergulhou duas vezes rapidamente. Continuou encontrando apenas a porta do lado do chofer

que não abria. Nunca pensara que a água e a lama pudessem ser tão desnorteantes. Compreendeu que outro mergulho de 15 segundos seria o máximo que êle poderia conseguir. Mergulhou pela oitava vez. Levou três segundos para mergulhar e encontrar a porta. Lutou brevemente com ela.

Oito segundos haviam decorrido. Êle passou por cima do capô e encontrou-se sob o lado do passageiro: se o carro tombasse nesse momento, êle seria esmagado. Cautelosamente experimentou a porta: *essa estava aberta uma largura de duas mãos*. Puxou-a cautelosamente. Ela abriu mais meio metro, revolvendo a lama e enviando um redemoinho de lodo para dentro. Na escuridão êle não viu nada, e então começou a entrar no carro.

Treze segundos se haviam passado, e êle precisava desesperadamente encher os pulmões. Tinha esgotado toda a sua energia. Mas poderia abandonar a môça agora que ela estava tão próxima?

Uma vez Norton tinha salvo três crianças numa piscina. Então êle descobrira que, numa crise, um mergulhador algumas vezes podia duplicar o seu tempo de mergulho. Êle começou a movimentar os músculos do peito a fim de extrair qualquer reserva de ar que ainda lhe restasse nos pulmões. Deve tê-lo conseguido, pois de repente conseguiu enfiar a cabeça e ombros dentro do carro. No momento seguinte já havia entrado até à cintura.

Segurando a coluna da porta com sua mão esquerda, apalpou com a direita as costas do assento do motorista. Na altura do teto sua mão tocou um objeto: um pequeno pé calçado de sandália.

Vinte segundos se haviam passado.

Lutando contra a exaustão, Norton trabalhou com furiosa rapidez. Segurou com firmeza o tornozelo direito de Nancy e começou a puxar com força. A garôta veio flutuando até ao assento dianteiro. Lançou-lhe o braço direito em volta da cintura fina. E de repente compreendeu que não podia mais. Seus pulmões não agüentavam mais. Hesitou. E neste momento sentiu uma mão muito lentamente agarrar-lhe o pulso direito.

O toque de vida eletrizou-o. Sentiu uma onda de energia nova. Começou a lutar para tirá-la do carro e chegar à superfície a tempo. Apoiou os pés contra o aço duro da porta entreaberta e empurrou a môça com força para cima. Ela subiu como uma bala. Um segundo ou dois depois ela surgiu à superfície e seu cabelo louro espalhou-se sobre a água. No momento seguinte Norton surgiu ao seu lado. Êle então puxou-a em direção ao molhe. Nancy estava com o rosto côr de cinza, olhos fechados. Teria êle chegado muito tarde? Nesse momento ela jogou a cabeça para trás e, soltando um suspiro profundo e trêmulo, gritou:

—*Socorro!*

Nancy Burns não se lembra de ter sido retirada do carro. Não se lembra de ter gritado e de ter sido arrastada através do gramado da marina. Os homens do Pôsto 12 sabiam que os segundos contavam. Arrastaram-na com os quadris para cima e o rosto para baixo para expelir tôda a água que tivesse engolido. Saíram apenas algumas gôtas. Mesmo inconsciente, Nancy recusou-se a ceder e engolir água. .

Tampouco o bombeiro Norton se havia entregado. No seu oitavo mergulho êle havia dobrado o seu tempo para 40, talvez até 45 segundos—um recorde de resistência,

segundo os técnicos da Cruz Vermelha.

A próxima sensação de Nancy foi o cheiro forte e bom de relva verde, o cheiro da vida. Não se cansava de respirar. Ouviu a voz preocupada de Mark:

—Ela não abre os olhos.

E ela pensou: “Estou com medo de abri-los. Se olho, estarei ainda debaixo da água.” Então encontrou-se na ambulância tomando oxigênio, a mão do bombeiro gentilmente tocando-lhe as pálpebras. Depois de ter ficado submersa cêrca de 15 minutos, Nancy Burns via a vida novamente.



UMA DAS histórias de gôlfe preferidas do falecido Presidente Eisenhower era a do golfista que tentou persuadir um amigo a entrar para o grupo dêle.

—Eu gostaria muito—disse o amigo—mas prometi a minha mulher . . .

—Vamos, deixe disso—insistiu o golfista—deixe sua mulher pra lá. Você é um homem ou um rato?

—Sou um homem—respondeu o amigo.—Minha mulher tem medo de ratos.

—Merlo J. Pusey, *Eisenhower the President* (Macmillan, ed.)



Subôrno

MUITOS amigos meus ficam surpreendidos ao verem que, depois de ter fumado inveteradamente durante 20 anos, eu deixei de fumar, fato comentado muitas vêzes diante de meu pai. Afinal, êle disse: “Bob, quando você era menino, eu lhe ofereci 100 dólares para você não fumar, mas você começou a fumar. Depois eu ofereci 100 dólares para você deixar de fumar, mas você continuou. Agora que você deixou, eu ofereço 100 dólares para você parar de falar sôbre isso!” —R. C. V.